

DESESPERO E DESENLANÇE ÀS TRÊS DA TARDE*

Clarice Lispector

Este senhor de quem falo tinha quase cinqüenta anos. E tal era a sua dignidade que parecia um lorde sem dinheiro. Por não tê-lo é que entrou no ônibus da praça Mauá em vez de tomar um táxi ou — melhor ainda — sentar-se no nobre banco de trás de um carro próprio dando mansamente uma ordem para o seu motorista particular. Sua mansidão era falsa e na verdade era tenso como elástico por demais espichado. E em realidade não lhe fazia falta o dinheiro, pois tinha vida muito sóbria. De que lhe serviria a moeda corrente dos plebeus?

Era ateu: não prestava contas a ninguém, nem a Deus. E carregava com aparente equilíbrio o orgulho que tinha de pertencer à estirpe do ser humano. Tinha um único amigo, com quem jogava xadrez, uma mulher para quem não ligava, uma adorada filha e um inestimável neto. Assim é que apesar de pobre tudo era quase perfeito.

Se lhe era pesado tamanho fardo? Nada se sabe a respeito. O que se sentia é que o carregava como se fosse coroa de rei.

Assim era o senhor J. B. Que nada pedia e nada dava. Mas houve um acontecimento que se tornou de súbito o *acontecimento*.

Não se sabe como começou. Subiu no ônibus às três da tarde em pleno sol cheio. Apesar de andar em veículo coletivo, ele usufruía de uma solidão magnífica: não precisava de ninguém. No fundo desprezava todo o mundo. Ninguém lhe valia. Seu corpo pedia pouco, sua alma menos ainda.

O ônibus estava lotado. Formara-se longa galeria de homens e mulheres de pé, um corpo quase colado a outro corpo. Mas a promiscuidade, que o sr. J. B. nem de longe toleraria, não existia para ele. Sentia-se só e altaneiro e, como sempre, parecia ser dono

* Texto inédito em coleção, resgate da Prof^a. Ana Luiza Andrade dos arquivos organizados por Eliane de Vasconcelos, na Casa de Rui Barbosa (publicado possivelmente em 1975, na revista *Senhor*). Uma versão portuguesa, "Desespero e desenlace às três da tarde" também consta dos arquivos, publicada para a revista *Colóquio/Letras* (Lisboa, 1975).

do veículo público, dando ordens ao motorista. Informando tudo: não era o ônibus que se movia num caminho dolorosamente determinado; ele sim, é quem o mandava subir e descer as ruas e até inventava para a máquina fumegante um roteiro que lhe convinha. Tudo o que existia lhe convinha: fazia questão disso. De ser adequado.

Eis o estado das coisas da realidade daquela hora.

Como foi que começou? Almoçara pouco, era homem frugal em sexo e comida. Por que então esse leve mal-estar no estômago? Mal-estar que aumentava. E ele colado frente a frente a uma senhora de peitos fortes e muito decotada. Quando, obrigado pela situação em que estava, olhava para os seios brancos desta digna ou indigna senhora, virava-se-lhe uma entranha pelo avesso. Se desviava o olhar, este caía turvo sobre a boca embigodada e lubrificadamente úmida de um homem em pleno vigor da idade, que estava sentado.

E a coisa começou: estava com forte náusea e deu-se conta de que precisava urgentemente vomitar. Iniciou-se então uma luta mesquinha e inglória face a face ao terror que começou a dominá-lo. Pois se vomitasse seria bem em cima dos seios da senhora que estava tão colada a ele como em pleno ato sexual. Ela, se vomitasse, nunca o perdoaria. E, metido entre pessoas totalmente estranhas, sabia que de algum modo o enxotariam se sucumbisse ao mal contido impulso estomacal. De súbito ele estava danadamente precisando da comisseração de outros seres humanos. Logo ele que não era uma simples brochura, era um homem solenemente encadernado.

Começou a suar frio. Uma gota gelada escorreu-lhe da testa e entrou-lhe pelo olho esquerdo, escorrendo depois como lágrima de mártir.

Esse homem fez então o que nunca fizera na vida: pôs-se a rezar feito um doido bem doido. Pedia perdão a Deus, rastejava sua alma pela lama, pensando que o que Deus queria do homem era o esfacelamento da dignidade. Prometeu nunca mais comer ou beber, prometia-lhe a própria morte, contanto que esse Deus todo-poderoso lhe poupasse o opróbrio tão próximo a acontecer. Dentro daquele corpo agora tão pobre uma alma tremia, e milhares de sinos pequenos pareciam badalar por todos os seus nervos. Ele rezava assim: Deus, eu vos prometo ser outra pessoa se tiverdes a misericórdia de permitir que eu só vomite em casa. Mas sentia que lhe faltava a intimidade necessária para uma prece. Dirigia-se a Deus com fraqueza e cartola, de súbito precisando até de deuses e até de mendigos.

Então houve um momento terrivelmente dramático em que o turbilhão que lhe enchia o estômago quase lhe saltou pela boca. Fechou os olhos e entregou-se todo desgraçado à perdição. Estava nas agonias de uma morte. E o ônibus parava em cada estação que

não era a dele, sem ligar a mínima a seu atestado de miséria. Ele, um troço público, prestes a ser linchado sem piedade por um povo autoritário. Fechou os olhos e de pé, encostado à humana senhora seiúda, praticamente morreu.

Silêncio.

Silêncio de morte. Vertigem. Vórtice do inferno.

Quando abriu os olhos, viu que podia saltar do ônibus, chegara a sua vez. E — vitória — não vomitara.

Branco como folha virgem de papel, ele se consideraria mais corrupto que um cão se vomitasse na rua. Mas sabia que não haveria tempo de chegar em casa para lá poder proceder ao ato escandaloso.

Então viu — como se no deserto visse uma miragem — a porta aberta de um botequim barato. Estava cheio de soldados, de malandros e de prostitutas. Entrou meio a medo, de súbito temeu ser preso, um soldado a dizer-lhe: considere-se preso por causar escândalo público e ofender a alma humana.

Quando, enfim, chegou à porta do mictório, quase morreu de novo: aquele lugar ordinário estava de tal modo imundo que ele não se convencia a entrar. Trancou-se-lhe o vômito na garganta e os olhos se esbugalharam. O que fazer, oh Senhor Deus?

De repente ofendeu a si mesmo: dobrou o corpo em dois e, com o dedo na garganta, forçou o vômito. E enfim o jorro maldito.

Daí a uns instantes conseguiu abrir os olhos do fundo da po-dridão em que se achava e percebeu logo que só fizera acrescentar à imundícia outra imundícia. Ficou em pé, imóvel, já reto, a tremer. O alívio era tão tremendo que o coração arritmico cantava aleluia. Olhou para o chão — e atônito viu todos os seus documentos nadando na sujeira. Entendeu que, ao dobrar-se, os papéis lhe haviam caído do bolso. Lá estava no chão a sua identidade.

Espantou-se. Sabia que jamais teria a audácia de sujar sua mão para apanhar a identidade imunda. Estava sem atestado de vida. Ele de repente não era. Simplesmente, sem documentos, não podia mais provar que existia.

Saiu do botequim meio trôpego, a cabeça devastada pelo sol ainda cheio. Parecia incrível: toda a tragédia de Goethe, com música de Wagner, se passara em apenas meia hora. Boquiaberto. Até mancava um pouco.

Mas se perguntou todo trêmulo e vulnerável se fora vítima de um desastre ou se recebera uma notícia alegre. Pois ele, que estava habituado a viver com extrema força, só agora sabia que a vida podia ser leve. Como é bom a vida sem mim, pensou.

E assim é que nascera um homem comum. Quase alegremente tinha que começar tudo de novo e sobre outra base. Em casa, inesperadamente, encheu-se de pão com salchicha e muita Brahma. Nessa noite quis a mulher e dormiu nu como um menino.

Sua mulher não compreendeu a inesperada afoiteza de um homem até então solene. Afoiteza de homem livre.

Acordou contente e pensou numa gargalhada muda: nada tenho a ver comigo mesmo. Sou como um búlgaro solto no mundo e sem passaporte. Feliz estranheza. Sem poder provar que era J. B.

E viver era muito simples.